

A - (5) PÁSCOA - III DOMINGO – CAMINHANDO COM O RESSUSCITADO (2026)

O texto conhecido dos “discípulos de Emaús” conta a história de dois discípulos que estiveram com Jesus até a Paixão, mas que **estavam com o coração partido e desiludidos. A experiência da cruz foi demais para eles. Jesus se tornou um estranho e distante, alguém do passado e um passado frustrante.** Mas, como aos demais discípulos, **Jesus também os alcança** e com o mesmo amor de sempre, **faz um caminho de releitura** de tudo o que aconteceu. Esta bonita história **pode ser dividida em três momentos** que se apresentam como se fosse um “liturgia da história e da vida”, da “Escritura do passado e de sempre” e “da partilha como sinal do discipulado de Jesus”. Uma liturgia da estrada, da palavra e do pão.

A história de Emaus também é um retrato de nossa caminhada e vida. Quantas horas nós, como os dois discípulos, **passamos falando sobre sonhos naufragados e esperanças frustradas.** Quanta dor em nossas vidas, quantos rostos queridos se foram, quantos sonhos abandonados. **Os rostos tristes dos discípulos são os nossos, os rostos da dor diante de coisas belas que chegam ao fim.** Assim, lamentavam os dois discípulos: “Esperávamos que Ele fosse aquele que libertaria Israel, mas tudo acabou, terminou, vamos voltar para casa!” **Tantas vezes pensamos que a vida não cumpre suas promessas e que a última palavra que encerra tudo é a morte** (Ermes Ronchi).

Os dois caminhantes deixavam Jerusalém, cidade que representava a frustração de todos. Lucas nos informa que se dirigiam para “Emaús”, uma localização desconhecida no NT, mas **no AT foi local que marcou a revoltada dos Macabaus** contra os opressores da época, os gregos (1Mc 3,40.57; 4,3; 9,50). Voltavam para lá, dando as costas a tudo que Jesus representou para todos.

E então **Jesus se aproximou e caminhou com eles.** Eles estavam partindo, e Ele os alcançou. **Deus sempre se aproxima, um andarilho através dos séculos e dias, e move toda a história.** Ele caminha conosco, **não para corrigir nossos passos ou ditar o ritmo. Ele não comanda nenhum passo, Ele toma o nosso passo.** Nada é forçado. Qualquer caminhada lhe convém. Contanto que se caminhe. O ritmo do momento basta para Ele. Essa contracorrente sempre acontece com Deus. **Deus não aceita que desistamos, ele não permite que nossos rostos permaneçam tristes. Jesus alcança os dois viajantes, olha para eles, vê suas tristezas e diminui o passo** (Ermes Ronchi). **Aproximar-se com cuidado e ouvir,** uma atitude fundamental para os discípulos de Jesus. Escutar a vida e as lamentações das pessoas. Nós temos muitas respostas de nossa fé, mas precisamos, primeiro, ouvir a vida das pessoas.

A história que eles acompanharam que terminou na cruz, cegou os dois. Ficaram fixos no passado e não perceberam o novo do presente. Não perceberam que se tratava de Jesus, pois não se apresentava mais como antes, **a ressurreição é algo novo e diferente,** para eles, Jesus era um estrangeiro. Eles conversavam sobre o passado, mas sem compreender. Lucas diz que discutiam “calorosamente” sobre o ocorrido.

O evangelista Lucas diz que Jesus se colocou como companheiro de caminhada (“discutiam enquanto caminhavam”). Mas, não era um fato ou simples acontecimentos que debatiam. **Diante da pergunta de Jesus, eles pararam de caminhar, “estavam entristecidos”. Uma parte da vida deles e de seus sonhos foi-se com a morte de Jesus.** Nesta altura, Lucas informa o nome de um deles: Cleopas. **Talvez era um casal que retornava para casa ou dois companheiros de caminhada do grupo de Jesus,** mas e o nome do outro? Talvez, Lucas quer nos provocar, sugerindo que seja o leitor o outro peregrino, nós que meditamos o seu Evangelho.

A resposta deles tem um pouco de revolta e certa agressão, afirmando que o “estrangeiro” não sabe o que aconteceu. Eles participaram dos fatos, mas não entenderam o sentido de tudo. **Afirmam que o estrangeiro “não sabe”,** depois serão eles que vão ouvir o mesmo de Jesus caminhante.

Jesus, o Estranho Caminhante, rebate seus discursos. Jesus escutou os dois, mas não permaneceu com eles no mais profundo de seus corações em dores e frustrações. Afirmou que o **Cristo devia sofrer e tudo já estava anunciado nas Escrituras.** Mas, **para os dois discípulos, Jesus não era o Messias,** porque, em suas mentes, o **Messias não poderia morrer derrotado,** o Messias **precisava vencer sempre,** segundo eles. **Imagivam que seguiam um “profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e do povo”,** alguém com poderes da parte de Deus, mas não o verdadeiro Cristo Messias de Deus. **Esperavam uma revolução,** algo somente para aquele povo e aquele tempo: “esperávamos que Ele fosse libertar Israel...”, **algo somente para a Israel** e não para a humanidade.

Os primeiros sinais da ressurreição tinham chegado até eles, mas não acreditaram: o anúncio das mulheres, o túmulo vazio, a constatação de “alguns dos nossos”, mas eles não viram Jesus. **Encaram tudo como uma notícia falsa ou exagerada das mulheres** e a ausência do corpo, como um fato que poderia ter um

explicação razoável. **No fundo eles não ouviram os anúncios de Jesus sobre sua morte e ressurreição** durante os meses que passaram com o Mestre caminhando pelas terras de Israel. **Ouviram o que o Mestre disse, mas alimentaram outras ideias** sobre o Jesus que acompanhavam, mas que não se realizaram.

Então, Jesus os faz compreender a essência de tudo e do cristianismo. Começa chamado **atenção que são eles que “não compreendem”** e – o pior – **“são lentos para crer”**. Tudo já estava presente na própria Sagrada Escritura que todos conheciam. **Explica Jesus fazendo uma grande revisão do passado até o presente.** Exorta os dois que **a cruz não é um acidente, mas a plenitude do amor.** Os dois caminhantes descobrem uma imensa verdade que **a mão de Deus está onde parecia impossível, onde parecia absurdo: na cruz.** A mão de Deus **estava tão oculta que parecia ausente,** contudo, tecia o fio de ouro da teia do mundo. **Quanto mais oculta a mão de Deus, mais poderosa ela é. Quanto mais silenciosa, mais eficaz é a mão de Deus.** Quando a morte destrói o que amamos, ela toma conta de toda a cena. A dor é tão cegante que é difícil de enxergar; a violência e o mal são ensurdecedores, mas o amor, por outro lado, tem uma voz sutil. **Precisamos aguçar nossos ouvidos, aprender a ouvir: nós mesmos, os outros e tudo ao nosso redor** (E. Ronchi).

Os discípulos sem notar o novo, **foram percebendo algo profundo e com um novo sentido,** mas ainda não tinham percebido tudo, diziam: **“Nossos corações não ardiam ao longo do caminho?”** **É um primeiro milagre,** o dom de um **coração ardente,** de viver **em chamas,** e **dele nascem algumas das mais belas palavras que conhecemos: “Permanece conosco, Senhor!”**. Ele permanece conosco no fim da vida, conosco e com aqueles que amamos no tempo e na eternidade. E ele nunca nos deixou.

O Caminhante Jesus, peregrino no tempo e na história é livre e deixa todos livres para viver o amor e acolhida. Lucas diz que **“fez de conta que iria continuar caminhando”,** **Ele não obrigada nada, mas acolhe com carinho todo convite;** espera que abramos nossa casa e nossa vida para Ele mesmo presidir o principal em nossa vida.

O gesto inconfundível de Jesus ficou marcado no coração dos discípulos: partir e dar o pão. **Aquele que nunca quebrou ninguém, quebra a si mesmo.** Aquele que **nada pede, oferece tudo de si.** E precisamente nesse momento, Jesus desaparece. São **Lucas diz literalmente que “se tornou invisível”,** não foi para outro lugar, se tornou invisível, **desapareceu da vista, mas não está ausente** (E. Ronchi).

Mas onde posso sentir o aroma de sua presença? O Evangelho nos dá três sinais: a estrada, a Escritura e o pão. Nas estradas **se tem a vida de todos** com seus sofrimentos, dores e esperança, **Jesus sempre está ali.** Onde a **caridade é exercida como expressão de fé,** quando o amor a Deus encontra-se com o abraço de cada pessoa. Na Palavra de Deus que **prepara e aquece o nosso desejo de ter Deus sempre em nossos ouvidos e coração.** No pão repartido entre todos, foi o gesto que marcou definitivamente a vida dos discípulos, que **apagou as dores, abriu os corações e mente,** pois somente Deus é capaz de se doar para reunir, se entregar para chegar a todos se diferença e preconceito, **é pão nosso e de todos.**

Eles o reconheceram na partilha do pão, não por ser um gesto exclusivo e inconfundível de Jesus — todo pai partia o pão para seus filhos —, quem sabe quantas vezes eles também o haviam feito, talvez naquele mesmo cômodo, todas as vezes que a noite caía sobre Emaús, **“partir o pão” é a marca da identidade de Jesus que se preocupa com todos, doa tudo e se entrega, por fim, na Eucaristia de todos os dias.** Três dias antes, na noite de quinta-feira, Jesus havia feito algo inédito: dera a si mesmo um corpo de pão: **“tomai e comei, isto é o meu corpo”.** **Eles o reconheceram porque partir, despedaçar e dar a si mesmo contém o segredo do Evangelho: Deus é o pão que se entrega à fome do homem. Ele se dá, alimenta e desaparece: tomai, é para vós! O grande milagre: não somos nós que existimos para Deus, é Deus que vive para nós** (E. Ronchi).

Pe Dirlei